www.misesjournal.org.br
MISES: Interdisciplinary Journal of Philosophy Law and Economics
São Paulo, 2026; 14
e-ISSN 2594-9187

RESENHA DE LIVRO

Bruno Miguel Ferreira Grácio[1] 0009-0003-5458-0426

Instituto Mises Brasil, Brasil

O que não se vê: inflação, ordem espontânea e finanças descentralizadas

[1] Bruno Grácio é engenheiro eletrotécnico e conta com 20 anos de experiência no setor elétrico. Interessa-se por economia e tem particular paixão pelas finanças descentralizadas. brunomgracio@gmail.com

Recebido: 01 jun 2026 | Aprovado: 20 out 2026 | Publicado: 10 nov 2026

https://doi.org/10.30800/mises.2026.v14.1671

Resumo: Observar não só o efeito imediato e visível sobre um grupo, mas também os efeitos secundários e de longo prazo sobre o conjunto da sociedade, é este o critério que aqui se liga à Escola Austríaca (individualismo metodológico, efeito Cantillon e conhecimento disperso) e às finanças descentralizadas. Uma oferta monetária limitada protege o poder de compra da inflação, e o crédito faz-se entre utilizadores. Incentivos opacos e a regulação podem, ainda assim, esconder quem paga o custo.

Palavras-chave: Escola Austríaca, Henry Hazlitt, Efeito Cantillon, Ordem espontânea, Finanças descentralizadas.

What Is Not Seen: Inflation, Spontaneous Order, and Decentralized Finance

Abstract: Observing not only the immediate and visible effect on one group, but also the secondary and long-term effects on society as a whole: this is the criterion that is here linked to the Austrian School (methodological individualism, the Cantillon effect, and dispersed knowledge) and to decentralized finance. A limited money supply protects purchasing power from inflation, and credit takes place between users. Opaque incentives and regulation may, even so, conceal who bears the cost.

Keywords: Austrian School, Henry Hazlitt, Cantillon effect, Spontaneous order, Decentralized finance.

Lo que no se ve: inflación, orden espontáneo y finanzas descentralizadas

Resumen: Observar no solo el efecto inmediato y visible sobre un grupo, sino también los efectos secundarios y de largo plazo sobre el conjunto de la sociedad: este es el criterio que aquí se vincula con la Escuela Austriaca (individualismo metodológico, efecto Cantillon y conocimiento disperso) y con las finanzas descentralizadas. Una oferta monetaria limitada protege el poder adquisitivo frente a la inflación, y el crédito se realiza entre usuarios. Los incentivos opacos y la regulación pueden, aun así, ocultar quién paga el costo.

Palabras clave: Escuela Austriaca, Henry Hazlitt, Efecto Cantillon, Orden espontáneo, Finanzas descentralizadas.

Resenha do livro Hazlitt, H. (2020). *Economia em uma única lição* (L. G. de Carvalho, Trad.; 5. ed.). LVM Editora. 288 p.

INTRODUÇÃO

Henry Hazlitt foi um jornalista, crítico literário e economista autodidata norte-americano. Colaborou em publicações como *The Wall Street Journal*, *Newsweek* e *The New York Times*, tornando-se um dos grandes divulgadores da Escola Austríaca em língua inglesa. Publicou *Economia em uma única lição* em 1946. A obra, reeditada no Brasil pela LVM Editora em 2020 (5.ª edição, tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho), é uma das introduções mais influentes à economia liberal clássica e à tradição austríaca. Além desta obra, que ultrapassou um milhão de exemplares vendidos, publicou também outras, entre os quais *Thinking as a Science* (1916) e *The Foundations of Morality* (1964). A sua principal contribuição reside na capacidade de tornar acessíveis e aplicáveis os princípios da economia liberal ao público em geral.

Em *Economia em uma única lição*, com linguagem clara e direta, o autor não pretende construir uma teoria muito complexa, mas antes desmontar as falácias económicas mais recorrentes no debate público. O seu tema central é a "lição esquecida": a verdadeira arte da economia consiste em observar não só os efeitos imediatos e visíveis de uma política sobre um grupo particular, mas também os efeitos secundários, a longo prazo e sobre todos os grupos da sociedade (Hazlitt, 2020, p. 27-31).

A estrutura do livro é didática. Após um capítulo introdutório que expõe a tese principal, o autor dedica a maior parte da obra a aplicar essa lição a diversos exemplos concretos, organizados em capítulos curtos. Recuperando o clássico exemplo da "vitrina quebrada" de Frédéric Bastiat, o autor mostra como a destruição de uma montra gera atividade visível para o vidraceiro, mas representa, na realidade, apenas uma transferência de recursos: "O ganho do vidraceiro, em resumo, representa apenas a perda do alfaiate. Nenhum 'emprego' novo surgiu" (Hazlitt, 2020, p. 35). A partir daí, examina as consequências não intencionais de políticas como: obras públicas financiadas por impostos, crédito artificial, controlo de preços, salário mínimo e inflação. Sobre a inflação, o autor afirma que ela é em si uma "forma de tributação" que cria "um véu de ilusão sobre todos os processos económicos" (Hazlitt, 2020, p. 217-232), beneficiando alguns à custa de muitos.

RELAÇÃO COM A ESCOLA AUSTRÍACA

A análise dos efeitos visíveis e não visíveis aponta no centro da tradição da Escola Austríaca. O individualismo metodológico, pilar central da obra de *Ludwig von Mises* em *Ação Humana*, estabelece que toda a ação coletiva resulta de escolhas individuais, cada uma com custos de oportunidade raramente percetíveis aos observadores

externos. O autor (*Hazlitt*) torna esse princípio concreto com o exemplo da janela partida: o ganho do vidraceiro é visível/quantificável, mas o custo suportado pelo alfaiate e, por conseguinte, pela sociedade, não o é.

A crítica da inflação como "forma de tributação" antevê a teoria austríaca dos ciclos económicos: a expansão artificial do crédito beneficia os primeiros recetores (efeito *Cantillon*) às custas dos mais distantes da fonte emissora, distorcendo a estrutura de capital e gerando maus investimentos que, mais cedo ou mais tarde, se revelam insustentáveis. O raciocínio é igualmente aplicável para o controlo de preços e o salário mínimo. O problema do conhecimento identificado por F. A. *Hayek* é aqui incontornável. Nenhum regulador tem acesso à informação local dispersa nos mercados, pelo que fixar preços administrativamente produz inevitavelmente, escassez ou excedentes.

O autor não se propõe construir uma teoria austríaca de capital, nem um sistema praxeológico como *Mises*, e a acessibilidade da obra implica uma menor elaboração teórica em matéria de estrutura de capital e ciclos económicos. No entanto, a sua lição funciona como um incentivo que orienta o leitor para essas obras mais exigentes.

ANÁLISE CRÍTICA E ATUALIDADE NAS FINANÇAS DESCENTRALIZADAS (DEFI)

Escrito em pleno contexto *keynesiano* do pós-guerra, o livro mantém-se atual. Os protocolos de finanças descentralizadas ilustram bem a "lição esquecida" hoje: quando um banco central expande a base monetária, os primeiros a receber o novo crédito beneficiam-se dele (efeito *Cantillon*), enquanto os últimos sofrem com a inflação. Nos protocolos *DeFi*, pelo contrário, os empréstimos ocorrem diretamente entre utilizadores, sem intermediação centralizada, reduzindo o desvio de recursos. Da mesma forma, a possibilidade de poupança em alguns ativos digitais com oferta previsível e limitada evita a erosão silenciosa do poder de compra que o autor critica. Trata-se aliás, de uma ordem espontânea no sentido *hayekiano*, já que emerge da interação de milhões de participantes e não de qualquer arquitetura central. A preservação da propriedade privada e da liberdade contratual surge, assim, como condição prática para uma alocação mais eficiente de recursos e para a cooperação social.

No entanto, a própria "lição esquecida" exige que apliquemos o mesmo raciocínio ao ecossistema *DeFi*. A elevada volatilidade de muitos *tokens* e protocolos representa um risco real para os utilizadores menos informados, que podem não antecipar os efeitos secundários de *smart contracts* mal auditados ou de modelos de liquidez algorítmica instáveis. Protocolos com esquemas de incentivos que ocultam custos reais reproduzem, à sua escala, a mesma lógica da janela partida, ou seja, os ganhos imediatos dos primeiros participantes são visíveis, enquanto as perdas dos últimos não o

são. As tentativas crescentes de regulação estatal sobre o setor repetem o mesmo erro que o autor critica, impõem custos difusos sobre todos os utilizadores para beneficiar grupos de interesse organizados. O problema do conhecimento, tal como formulado por *Hayek*, aplica-se aqui plenamente: nenhum regulador dispõe de informação suficiente para supervisionar estes protocolos sem gerar consequências não antecipadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra demonstra, com exemplos simples, mas poderosos, que as boas intenções não bastam. O autor insiste que é essencial analisar sempre os efeitos secundários não vistos, muitas vezes ignorados pelas políticas intervencionistas. Esta lição central revela-se de uma clareza e utilidade notáveis, mesmo decorridos oitenta anos da sua publicação.

Ainda que, por ter sido escrito em 1946, o livro não antecipe os desafios das finanças digitais, a ferramenta analítica que oferece permanece válida, devemos perguntar sempre quem paga o custo que não aparece no contexto imediato. As suas limitações em matéria de teoria do capital e dos ciclos económicos, quando comparado com obras de referência como *Ação Humana* de *Mises*, são compreensíveis, numa obra que é de divulgação e não de teoria original. Quem começa por ler *Hazlitt* facilmente fica com curiosidade em aprofundar conhecimentos teóricos de economia segundo a Escola Austríaca.

Oitenta anos depois o livro não envelheceu, *Economia em uma única lição* continua a ser uma excelente introdução aos princípios da Escola Austríaca. Recomenda-se especialmente a estudantes de Economia, Direito e Ciências Sociais, jornalistas económicos e a todos aqueles interessados em compreender os fundamentos da prosperidade e da liberdade numa época de grandes transformações tecnológicas.

REFERÊNCIAS

Hazlitt, H. (2020). *Economia em uma única lição* (L. G. de Carvalho, Trad.; 5. ed.). LVM Editora. (Trabalho original publicado em 1946)